

ENSINAR SAUSSURE? SIM, MAS COMO?

Valdir do Nascimento Flores*

INTRODUÇÃO

As duas perguntas que servem de título a este texto são, juntas, uma espécie de convocação ao debate dirigida aos professores de linguística da atualidade. Na verdade, o contexto que especifica o sentido de tais perguntas pode ser visto da seguinte forma: de um lado, há os professores de linguística que ignoram Saussure como conteúdo a ser trabalhado; de outro, há os que entendem que apenas o *Curso de linguística geral* deve ser objeto de estudo, já que a ele é atribuída a fundação da linguística; há, também, os que defendem que o *Curso* falseia o pensamento de Saussure, logo deve-se trabalhar apenas os recentes manuscritos publicados; finalmente, há os que pensam que todas as fontes devem ser objeto de análise nas disciplinas de linguística.

Em função disso, este texto objetiva alertar, no âmbito do ensino da disciplina de Linguística Geral, normalmente ministrada em Cursos de Graduação em Letras, quanto à necessidade de ler Ferdinand de Saussure, hoje em dia, de um ponto de vista que não ignore a complexidade do conjunto formado pelas fontes que constituem “a obra” saussuriana: há as fontes publicadas pelo autor, há os manuscritos publicados postumamente, há cartas de Saussure, cartas de alunos de Saussure, há os textos estabelecidos por editores, etc.

Minha atenção, aqui, estará voltada a apenas duas fontes: o *Curso de linguística geral* (CLG) e o conjunto de manuscritos que ficou conhecido como *Anagramas*.

Em relação ao CLG, busco mostrar os termos pelos quais, ao definir método e objeto para a linguística, ele teve papel fundamental na sua instauração como ciência. Dessa instauração surge o movimento conhecido como estruturalismo. Em outras palavras, busco mostrar como Saussure é condição de existência do estruturalismo mesmo sem ter sido, ele mesmo, um estruturalista. A conclusão aqui é evidente: o ensino de linguística não pode prescindir do CLG.

No que tange aos Anagramas, tento mostrar que a pesquisa saussuriana em torno da poesia permite ampliar o entendimento de língua no pensamento do autor, alargando-a para além do que coloca o CLG sem, contudo, contradizê-lo. A conclusão conduz a pensar que as demais fontes saussurianas são, na verdade, uma soma e não uma oposição ao que coloca o CLG.

2 SOBRE O ENSINO DE LINGUÍSTICA A PARTIR DO CLG

Tenho percebido que os Cursos de Graduação em Letras, geralmente, assumem a postura de considerar a publicação do *Curso de Linguística Geral* como um fato que pertence à história das ideias linguísticas. Tal procedimento não seria negativo se, com isso, não se ignorasse a atualidade do pensamento de Saussure. Na verdade, grande parte dos livros considerados como *introduções à linguística* e disciplinas de linguística geral de nossas universidades apenas lembram a obra como um marco que cria a linguística. No entanto, muitos professores se apressam em dizer que Saussure é passado. A linguística que merece crédito é atual.

Juntamente com essa atitude tenho percebido outra de caráter igualmente reducionista: o estudo do *Curso* reduz-se à apresentação das dicotomias língua/fala, paradigma/ sintagma, diacronia/ sincronia, significante/ significado, atitude esta, geralmente, feita de maneira estanque e sem referência ao sistema teórico do qual fazem parte. A conclusão disso

* Professor Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS. Professor de Linguística do PPG-Letras da UFRGS. Bolsista do CNPq.

é que o aluno de Letras acaba se convencendo de que Saussure foi muito importante, mas que nada mais do que disse pode ser levado a sério hoje. Esquecem-se os desavisados que os conceitos apresentados no *Curso* não são simples oposições metodológicas.

Para ilustrar a complexidade do raciocínio que está implicado na proposição teórica dessas dicotomias, basta ver que Saussure é muito claro em pensá-las como uma realidade dialética na qual sempre se pode pensar na (co)existência dos opostos. Para cada dicotomia, há uma espécie de positividade dada pela união que têm na realidade linguística. No *Curso* encontra-se a voz que autoriza pensar nessa dialética:

[...] mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem (Saussure, 1975, p. 139).

O *Curso*, em inúmeras passagens, reafirma a necessidade de não se enganar com a aparente transparência das dicotomias. Elas têm valor apenas dentro do quadro teórico no qual foram concebidas. A respeito disso diz Saussure:

[...] a entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado; se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração. A todo o momento corre-se o perigo de não discernir senão uma parte da entidade crendo-se abarcá-la em sua totalidade (Saussure, 1975, p. 119).

De minha parte, penso que é sempre possível ler, no *Curso*, a união dos opostos: para a dicotomia língua/fala há a linguagem: “A língua é para nós a linguagem menos a fala” (Saussure, 1975, p. 92); para a do significante/ significado há o signo: “conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo” (Saussure, 1975, p. 140); para a dicotomia diacronia/ sincronia há a pancronia: “não se poderá estudar a língua de

um ponto de vista pancrônico? Sem dúvida. (...) Em linguística, como no jogo de xadrez, existem regras que sobrevivem a todos os acontecimentos” (Saussure, 1975, p. 112)⁴³; para a do eixo associativo/ eixo sintagmático⁴⁴ há o sistema. Todos esses termos e noções devem ser remetidos ao de *valor*, conceito cardeal da epistemologia saussuriana.

A título de ilustração, vale ainda lembrar que o *Curso* é obra póstuma. E essa não é apenas mais uma informação histórica. Considerar isso é determinante para o tipo de leitura que se pode imprimir ao livro. Charles Bally e Albert Sechehaye não frequentaram os cursos ministrados por Saussure. A organização feita é produto da leitura das anotações dos alunos. Dizem os organizadores no prefácio do *Curso*:

Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos, cortesmente postos à nossa disposição por Mme de Saussure, a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevíamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand Saussure, combinadas com as notas dos estudantes. Grande foi a nossa decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos dos discípulos [...]. Essa verificação nos decepcionou tanto mais quanto obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus derradeiros ensinamentos, que assinalam, na carreira de Ferdinand Saussure, uma etapa tão brilhante quanto aquela, já longínqua, em que tinha aparecido a *Mémoire sur les voyelles* (Bally; Sechehaye, 1975, p. 1-2).

Citei longamente o prefácio à primeira edição para justificar a forma relativamente polêmica com a qual iniciei este texto. Ora, exceto as raras e louváveis vozes dissonantes, a docência de linguística nos cursos superiores de Letras das universidades brasileiras limita-se a fazer uma apresentação estéril da obra saussuriana, muitas vezes prescindindo inclusive da leitura do *Curso* e optando por introduções. É ilustrativo citar aqui a compreensão do termo *leitura* apresentada por Souza (1988), quando da apresentação de seu livro *Uma Leitura Introdutória a Lacan (exegese de um estilo)*. Se-

43 Interessante notar que Saussure acrescenta, no entanto, que “[...] o ponto de vista pancrônico não alcança jamais os fatos particulares da língua” (Saussure, 1975, p.112).

44 E não paradigma e sintagma, como querem os estruturalistas.

gundo ele, “as introduções a uma obra, quase sempre, são um paliativo, mas para que o original não seja lido. É uma substituição, às vezes astuta, às orelhas dos livros” (Souza, 1988, p. 13).

Nas últimas décadas, inúmeros trabalhos resgatam o pensamento de Saussure⁴⁵ a partir do princípio de que o CLG é apenas uma organização, portanto, não reflete necessariamente o pensamento de Saussure. O que diriam os que “ensinam” o *Curso* como um saber acabado se soubessem que talvez Saussure não tenha dado tanta ênfase à dicotomia língua/fala, chegando inclusive, em alguns momentos, a dissolvê-la; que a oposição língua/fala não tem sempre o mesmo estatuto nas várias passagens em que aparece no *Curso* e que a tríade signo/ significante/ significado recebe diferentes tratamentos no decorrer do livro?

Como poderia ser diferente? Saussure era um professor, ministrou suas aulas durante o período compreendido entre os anos 1907-1911 e, como todo professor, refez o seu pensamento inúmeras vezes, buscando encontrar meios de explicá-lo. Acredito que é de fundamental importância não perder de vista o fato de que o *Curso* é a tentativa de síntese do exercício de docência de uma área - a linguística - da qual pouco se sabia até então.

Para dar um exemplo do alcance que pode ter a incompreensão do contexto em que o *Curso* fora produzido, gostaria de lembrar uma crítica que certa vez ouvi a respeito do recurso feito às metáforas (da folha de papel; do jogo de xadrez, da pauta musical, etc.) para explicar os conceitos presentes no CLG. Disseram-me que explicar a língua associando-a a um jogo (no caso, o de xadrez) é inadequado (o termo que ouvi não foi bem esse, mas pretendo manter-me nos limites do léxico padrão), visto que um jogo tem início, meio e fim determinados por regras explícitas e uma língua não. Lembro-me de ter perguntado ao eminente interlocutor se, por acaso, estava sugerindo que Saussure não soubesse disso. Evidentemente, trata-se apenas de um recurso didático que um professor faz para tornar mais próxima de seus alunos uma ideia que está sendo apresentada. Em todos

os meus anos de professor de linguística em nenhum momento supus que as metáforas eram o retrato fiel daquilo que estavam ilustrando.

O que estou querendo dizer é que, em relação ao CLG, observa-se um fato singular, qual seja, o livro funda a linguística moderna, mas faz isso a revelia daquele a quem se atribui a sua autoria. Isso é muito bem lembrado por Isaac Nicolau Salum, no excelente prefácio à edição brasileira do livro, diz ele:

[...] hoje não se pode deixar de reconhecer que o Cours levanta uma série in-términa de problemas. Porque, no que toca a eles, Saussure - como Sócrates e Jesus- é recebido de ‘segunda mão’. Conhecemos Sócrates pelo que Xenofonte e Platão escreveram como sendo dele. O primeiro era muito pouco filósofo para entendê-lo, e o segundo, filósofo demais para não ir além dele, ambos distorcendo-o. Jesus nada escreveu senão na areia: seus ensinamentos são os que nos transmitiram seus discípulos, alguns dos quais não foram testemunhas oculares (Salum, 1975, p. XVI).

De minha parte, acredito, em primeiro lugar, que se possa retomar uma leitura do CLG – que chamo de “canônica” na falta de termo melhor – que é responsável pelo estabelecimento do pensamento estruturalista a partir do século XX. Existe uma leitura do CLG que possibilitou a *Glossemática* de Louis Hjelmslev, parte do trabalho de R. Jakobson, a *Semântica Estrutural* de A. J. Greimas, a *teoria da Enunciação* de Emile Benveniste e a *semântica argumentativa* de Oswald Ducrot, apenas para lembrar alguns. Essa leitura é importante para a história das ideias linguísticas, além de ser instauradora da unicidade de um pensamento, aquele que, em linhas gerais, concebe o elemento como parte de um sistema, ou seja, o estruturalismo. Pode-se, aqui, pensar a respeito da forma como a linguística se inscreve, na “ordem dos saberes”, como uma ciência circunscrita.

Em segundo lugar, creio que se pode investigar epistemologicamente o pensamento de Saussure, confrontando o *Curso* com outras fontes. No caso, aqui, estudo os *Anagramas* para, a partir daí, pensar na complexidade da “obra” saussuriana, tal como anunciei no primeiro parágrafo.

45 Arrivé (1999), Godel (1969), Bouquet (1997), entre outros.

Assim, de certa forma, o que faço, a seguir, é, de certa forma, uma argumentação dirigida aos professores de linguística no sentido de restituir a atualidade do pensamento de Saussure, de dimensioná-lo com relação a alguns de seus mais nobres leitores e de vislumbrar algumas reflexões atuais. Isso autoriza a pensar no CLG como obra única e singular e nas demais fontes – aqui ilustradas pelos *Anagramas* – como parte de uma nova reflexão linguística também amparada em Saussure.

Faço, portanto, a seguir, uma leitura de Saussure em dois momentos: o do Curso e o dos Anagramas. No primeiro, estou interessado na construção do paradigma de ciência; no segundo, naquilo que pode ser entendido desde que se articule Anagramas e Curso.

3 A UNIDADE DA OBRA DE SAUSSURE E O PARADIGMA DE CIÊNCIA PARA A LINGUÍSTICA

Nesta parte, busco elementos que permitem explicitar o que chamei anteriormente de *leitura canônica*. Faço isso tomando como eixo o CLG de Saussure, e as interpretações que dele fazem alguns de seus mais reconhecidos leitores. O propósito é, pois, reunir elementos que possibilitem a circunscrição do *método* e do *objeto* em linguística e sua relação com o paradigma *estruturalista*. Falar em linguística é falar de uma unidade que tem um conjunto de proposições que conferem a essa área o estatuto de ciência. A nomeação, nesse caso, é garantia de unidade. O *Curso de linguística geral* tem papel de destaque no processo de constituição da ciência linguística.

Antes, porém, cabe uma indagação: será que Saussure foi estruturalista? Ou seria mais correto dizer que se fez uma leitura estruturalista de Saussure?

Saussure não utilizou a palavra *estrutura* e o CLG é fiel a isso. Seu termo era *sistema*⁴⁶. A palavra *estrutura* veio a ser utilizada apenas no final da década seguinte, mais especificamente em 1929, nas teses formuladas no

Congresso Internacional de Linguística de Haia pelos linguistas Roman Jakobson e Nicolas Troubetzkoy.

Portanto, e que fique muito claro isso, minha intenção, neste texto, de recuperar a leitura estruturalista feita de Saussure – muito especialmente do *Curso* – atende ao propósito, cabe reiterar, de investigar como a ciência linguística se instaurou, a partir de Saussure, no paradigma científico. Não se trata de atribuir a Saussure a marca estruturalista, mas de ver como essa marca se constituiu com referência a seu pensamento.

Benveniste, em seu artigo de 1963, *Saussure após meio século*, afirma: “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (Benveniste, 1988, p.35) e, sobre a doutrina saussuriana, pergunta:

1ª Quais são os dados de base sobre os quais a linguística se fundará, e como podemos atingi-los?

2ª De que natureza são as noções da linguagem e por que tipo de relação se articulam? (Benveniste, 1988, p. 35).

A linguística somente existe na regularidade de seu objeto, nele encontra-se o primado do paradigma estrutural. Porém, como afirma Milner (1987), por estruturalismo não se entende a visão insípida do mundo ou a epistemologia geral bastante simples que se designa por este nome, mas um conjunto de proposições não triviais. A *língua*, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e a partir do qual a linguística se nomeia como tal. É nessa noção de sistema que a linguística do século XX irá encontrar a estrutura.

A lembrança do que está no *Curso* pode ser preciosa aqui. A dificuldade, segundo Saussure (1975), de estabelecer o objeto da linguística deve-se à relação que esta mantém com as demais ciências, ou seja, na linguística, o objeto não é anterior ao ponto de vista teórico, mas é por ele determinado. É a máxima saussuriana *o ponto de vista cria o objeto* (Saussure, 1975, p.15) que deverá nortear todo pensamento em linguística estrutural no século XX.

46 Dosse confirma isso; “Saussure só fizera uso do termo sistema, múltiplas vezes citado, 138 vezes nas 300 páginas do CLG” (Dosse, 1993, p. 66)

O conceito mais amplo definido no sistema teórico do CLG é o de *linguagem*. Tal como é ali concebida, a linguagem teria um lado social e um individual dialeticamente articulados, implicando concomitantemente um sistema estabelecido e uma evolução, “uma instituição atual e um produto do passado” (Saussure, 1975, p.16). Entretanto, não há possibilidade de a linguística abordar integralmente este objeto, cuja complexidade apresenta uma série de dificuldades que, embora tenham existência porque presentes linguisticamente, pertencem ao objeto de outras áreas do conhecimento. Disso, resta uma questão: qual é o procedimento adequado para abordar o objeto da linguística? É o próprio Saussure quem responde: “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (Saussure, 1975, p. 16-17).

Encontra-se assim determinado o objeto sobre o qual a linguística deve se debruçar: *a língua*. Ora, dado que a linguagem seria *multiforme e heteróclita*, sua classificação transcenderia qualquer categorização, motivo pelo qual Saussure sugere que o pesquisador se detenha naquilo que é essencial, ou seja, a língua enquanto “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 1975, p. 17).

A língua é, diferentemente da linguagem, “um todo por si e um princípio de classificação” (Saussure, 1975, p. 17). É, também, um sistema adquirido e convencional, subordinado à faculdade da linguagem de constituir uma língua, esta entendida como unidade daquela. Para isolar a língua do todo que é a linguagem, Saussure recorre a outra concepção, qual seja, a de *fala* ou ato individual no circuito da comunicação.

É clássica a referência à língua como *tesouro depositado pela fala* nos indivíduos pertencentes a determinada comunidade linguística, como *um sistema gramatical* e virtual que existe no cérebro desses indivíduos. Separar, segundo Saussure, a língua da fala implica separar “1º- o que é social do que é individual; 2º o que é essencial do que é acessório e mais ou menos

individual” (Saussure, 1975, p. 22). A diferença entre ambas está no fato de que a língua não tem o estatuto de “função”, característica esta pertencente à fala, já que pode ser vista como um “ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 1975, p. 22). Em suma, a língua é o objeto da linguística porque é um conjunto regular, social, convencional e sistemático de signos, identificável no interior da irregularidade da linguagem e por oposição à fala, que é individual.

O que se percebe nesta rápida incursão pelo CLG é que a *língua* aparece como produto de um ponto de vista teórico, é concebida como a regularidade de uma realidade heteróclita (linguagem), como um sistema de signos do qual se deve dar uma descrição em termos de relações internas. Diferentemente da fala, a língua não é uma função do falante, mas um produto cujo registro é passivo. A fala, por sua vez, é um ato individual que implica em vontade e inteligência. As consequências disso é que a linguística reclama o estatuto de ciência justamente porque, dados método e objeto, todas as operações científicas derivam do princípio da língua como sistema de signos, singular entre os fatos de linguagem.

O dinamarquês Louis Hjelmslev baseia-se nessa concepção do mestre para propor que se entenda por

[...] linguística estrutural um conjunto de pesquisas que repousam em uma hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como sendo essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas ou, numa palavra, uma estrutura (Hjelmslev, 1991, p. 29).

Hjelmslev é bastante claro no texto *Análise estrutural da linguagem*, quando afirma que considerar Saussure como o fundador da linguística moderna significa reconhecer-lhe o mérito de propor a descrição científica da linguagem em termos de relações entre unidades. Em outras palavras, pensar a linguística nesses termos é refletir sobre método e objeto. É isso que o leva a enfatizar o aspecto formal da língua em detrimento da substância. Segundo ele,

[...] essa ideia vem a ser, (...), a concepção de língua como uma estrutura puramente relacional, como um padrão, como oposta ao uso (fonético, semântico, etc.) onde esse padrão esteja eventualmente manifesto (Hjelmslev, 1991, p.41).

Ora, é providencial esta interpretação de Hjelmslev porque garante uma descrição da língua através da afirmação das relações entre as unidades, o que exclui afirmar algo sobre a essência ou substância das próprias unidades. Hjelmslev textualmente ratifica o que expus anteriormente com as seguintes palavras, merecedoras de destaque pela síntese que apresentam não só da perspectiva corrente em linguística como de seu próprio trabalho: “No que me concerne, insisto em colocar-me ao lado da *langue* estudada e concebida como mera forma, como padrão, independentemente do uso” (Hjelmslev, 1991, p. 42).

Eis um dos efeitos da leitura feita de Saussure: a definição de um *método* e de um *objeto* para a linguística. Ambos fundam a linguística como ciência. A interpretação de Hjelmslev testemunha em favor disso.

Com essa leitura de Saussure – da qual Hjelmslev é exemplar – nasce um pensamento que pode ser sintetizado em duas palavras: *estrutura e estruturalismo*. Refletir sobre linguística é avaliar o peso semântico dessas palavras para o estabelecimento da ciência linguística.

Como lembra Ducrot, “se se entender por estrutura toda organização regular, a pesquisa de estruturas é tão velha quanto o estudo das línguas” (Ducrot, 1971:24). Entretanto, se o estruturalismo linguístico fosse reduzido apenas à ideia de organização, não passaria de banalidade. Há algo mais no conceito de estrutura.

O método deduzido da leitura de Saussure justifica um raciocínio que enfatiza a organização entre dois termos, independentemente desses termos, já que é fundada nas relações que eles mantêm. A classificação linguística, decorrente desse processo, é ela mesma uma relação com outras classificações.

Os Anagramas que estudo foram reunidos por Jean Starobinski (1974), em *As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand Saussure*⁴⁷, cuja leitura será, aqui, guiada pela compreensão prévia de Gadet & Pêcheux (1984), Milner (1987), Arrivé (1994) e Lopes (1993).

Starobinski mobiliza, de início, a noção de *discurso* em contraposição à de *língua*. A questão posta por Saussure – “O que é preciso para que tenhamos a ideia de que queremos significar alguma coisa, usando termos que estão disponíveis na língua?” (Saussure, apud Starobinski, 1974, p.12) - evoca o caráter abstrato da língua em contraposição à evidência da fala. O discurso (ou fala) é pensado por Saussure inicialmente como uma relação entre dois conceitos, ou seja,

[...] o discurso consiste, ainda que de modo rudimentar ou por caminhos que ignoramos em afirmar um elo entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos de forma linguística, enquanto a língua previamente apenas realiza conceitos isolados, que esperam ser relacionados entre si para que haja significação de pensamento (Saussure, apud Starobinski, 1974, p. 12).

Segundo Lopes (1993), este momento autoriza no Ocidente “a conceitualização do discurso a partir da construção de um contexto mínimo” (Lopes, 1993, p. 109). Sua importância é maximizada se se considerar que, em termos de linguística estrutural, é proposta aí a distinção entre o signo que se constrói no discurso daquele que é construído na língua, portanto, dicionarizado.

A língua é uma matéria-prima sobre a qual todos os discursos se realizam. O emprego da língua é, de um lado, livre, mas de outro lado, regado por ela mesma, ou seja, “[...] *um jogo que tem valor de ‘operação’*” (Starobinski, 1974, p. 13). Passar dos *conceitos isolados* ao discurso é uma operação que, para ser compreendida, necessita de um modelo que permita falar de outras possíveis atualizações. Essa passagem é o modelo.

4 OS ANAGRAMAS

⁴⁷ Starobinski (1974) registra a presença de cerca de 140 cadernos, classificados por Robert Godel na Biblioteca Pública de Genebra. Este dado é importante porque, como diz Lopes (1993), “[...] o esforço dispendido registra que os anagramas não foram um passatempo ocasional de Saussure, mas um problema pelo qual ele se interessou obsessivamente [...]” (Lopes, 1993:108).

No estudo da lenda dos *Nibelungen*, Saussure sublinha que a lenda é composta por uma série de símbolos com um sentido a ser especificado os quais são submetidos às mesmas leis de outros signos, entre eles o linguístico⁴⁸. O símbolo varia dentro de determinados limites e sua identidade não pode decorrer de um *valor* mutável a cada instante. Para Lopes (1993), o que se formula, nesse caso, é o problema da identidade e da diferença que, transposto para as relações que mantêm o signo da língua com o signo do discurso, possibilita falar de uma “igualdade parcial” entre os significados (da língua e do discurso), em termos de identidade, e de “desigualdade parcial”, em termos de diferença, entre esses dois signos. Desigualdade esta necessária para a produção de sentidos novos a cada discurso novo.

A aproximação entre a *lenda* e a *língua* formula-se em termos de uma lei de indeterminação: “Aquilo que faz a nobreza da lenda como a da língua é que, condenadas uma e outra a se servir apenas de elementos colocados diante delas e com um sentido qualquer, elas os reúnem e tiram deles continuamente um sentido novo” (Saussure, apud Starobinski, 1974, p. 16). O sentido deve, pois, ser considerado como um produto variável do emprego combinatório.

Na pesquisa sobre o verso saturnino, Saussure formula a hipótese sobre a existência de um material fônico fornecido por uma palavra-tema a partir da qual seria produzido o texto e sobre o qual estaria assentado o discurso poético. Na opinião de Starobinski, apesar de Saussure não utilizar ainda o termo “hipograma” ou “anagrama” é disto que se trata:

Entre as rasuras, uma das mais significativas concerne ao antecedente da palavra-tema; Saussure primeiro escreveu ‘texto’ depois riscou essa palavra para substituí-la por ‘tema’. Ele portanto pensou num texto sob o texto, num pré-texto, no sentido lato do termo (Starobinski, 1974, p. 19).

Não se trata de anagrama no sentido tradicional do termo, uma vez que a substância gráfica é desconsiderada em favor dos fonemas, isto é, trata-

48 Note-se que usei “símbolo linguístico” e não “signo linguístico”. A importância disto é sublinhada por Arrivé (1994) que convida a ver aí um recobrimento teórico entre os dois termos no sentido de que ambos seriam designações intercambiáveis do mesmo objeto: a impossibilidade de captar a intencionalidade.

se de decifrar as combinações dos fonemas e não das letras.

Milner (1987) observa que o anagrama nega o signo saussuriano. Primeiro, porque sua concepção não é distintiva, isto é, cada um dos anagramas é produto da redistribuição dos fonemas de um determinado nome, os quais, embora sejam unidades linguísticas, não têm um caráter diferencial, mas sim uma “identidade própria, um em Si, que ele (Saussure) não vai buscar na rede de oposições onde a linguística o apreenderia” (Milner, 1987, p. 55).

O anagrama não é nem contingente, nem arbitrário, somando-se a isso o fato de que o nome em anagrama funciona enquanto coisa do mundo e não como unidade linguística, elemento pertencente à língua. Neste caso, o anagrama não é dualista como o é o signo linguístico: a ordem das coisas é causa para a ordem dos signos.

A diferença entre o anagrama e o signo do CLG é que, neste, a distintividade rege o conjunto da língua, enquanto naquele a distintividade inexistente como negatividade, mas somente em seu aspecto positivo de um lugar identificável no verso. Coloca-se, por esse viés, o problema da homofonia que os anagramas contemplariam. No Saussure dos *Anagramas*, uma série de fonemas pode fazer eco à outra, diferentemente do CLG, em que a homofonia é reduzida a uma questão de contingência, já que a arbitrariedade da relação significante/significado pertence à ordem dos signos, sem influência direta da ordem das coisas. A homofonia é o terceiro excluído: “O anagrama revela-se, então, ambíguo: de um lado, ele fala da pertença da homofonia à língua, como objeto da linguística; mas, por outro lado, ele diz o não-assimilável disto” (Milner, 1987, p. 57).

Penso que é importante somar a essas conclusões algumas observações de Gadet & Pêcheux (1984). Segundo eles, adequado seria pensar o CLG e os *Anagramas* articulados pelo conceito de *valor*. Assim, o que Saussure estabelece sobre o verso saturnino não é uma propriedade do próprio verso, mas uma propriedade da língua, em que a escrita anagramática seria inerente a toda a linguagem. Para os autores, Milner, ainda que tenha reconhecido a indissociabilidade dos “dois Saussure”, não tira proveito da

tese saussuriana do *valor*. Somente ela garantiria perceber a língua como investida de *não-Um*. A língua suporta o seu reverso. O não-dito do sistema é constitutivo do dito “porque o todo da língua não existe senão sob a forma não finita do não-todo” (Gadet & Pêcheux, 1984, p. 58).

Para usar os termos de Gadet & Pêcheux, o diurno não pode ser separado do noturno, ou seja, a língua, como lugar de um saber, é também o lugar do contraditório.

CONCLUSÕES

Encarando retrospectivamente este texto, sugiro que se pense em ensinar Saussure nos Cursos de Graduação em Letras de maneira que se perceba a complexidade do pensamento do linguista. Isso pode ser feito de inúmeras formas.

Sugeri aqui apenas duas formas: a primeira privilegia a leitura canônica do CLG e mostra como essa leitura foi fundamental para a criação de todo um modelo de pensamento, o estruturalismo; a segunda coloca em relação as fontes saussurianas e mostra como tudo o que se estudou a respeito de Saussure até hoje pode ser recolocado em outros parâmetros. Ratifica-se, finalmente, a ideia inicial deste texto, ou seja, “ensinar” Saussure é tomá-lo em sua complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, M. *Linguística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988. (col. *Linguagem/crítica*)

_____. *Problemas de Linguística Geral II*, SP: Pontes, 1989. (col. *Linguagem/crítica*).

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo, Cultrix, 2000.

DUCROT, O. *Estruturalismo e Linguística*. SP: Cultrix, 1971. (col. *Que é o estruturalismo?*).

FLORES, V. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.

GADET, F. & PÊCHEUX, M. *La Lengua de Nunca Acabar*. Mexico: Fondo de cultura económica, 1984.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. De Saussure*. Genebra: Droz, 1969.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. SP: Perspectiva, 1975.

_____. *Ensaio Linguísticos*. SP: Perspectiva, 1991.

LOPES, E. *A Palavra e os Dias: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura*. SP: Editora da UNESP e Editora da UNICAMP, 1993.

MILNER, J. C. *O Amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. *A Obra Clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. RJ: Zahar Ed., 1996.

NÓBREGA, M. O mesmo e o outro: Saussure e a AD. *Letras de Hoje*, (116), Porto Alegre: EDIPUCRS, v.34, n.2, p. 65-90, 1999.

NORMAND, C. *Saussure*. Paris: Les belles lettres, 2000.

PAVEL, T. *A Miragem Linguística: ensaio sobre a modernização intelectual*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. SP: Cultrix, 1975.

SOUZA, A. *Uma leitura Introdutória a Lacan (exegese de um estilo)*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

STAROBINSKI, J. *As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.